

Marcílio diz que ano de 92 será duro só no início

Teodomiro Braga
Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, contestou ontem as previsões de convulsão social em consequência do programa de ajustamento econômico acertado com o FMI, afirmando que o aperto na política monetária será compensado por medidas como a concessão do abono aos assalariados. “A curto prazo ainda será um programa duro, mas não será um programa desesperador”, disse o ministro, que hoje de manhã será um dos oradores do seminário sobre investimentos privados promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Marcílio aproveitará a visita a Washington, onde fica até domingo, para encontros com autoridades econômicas americanas e representantes dos bancos credores. Ontem, ele reafirmou a solicitação brasileira de novos empréstimos de desembolso rápido ao presidente do BID, Enrique Iglesias, e também teve encontros com diretores do FED, o banco central dos Estados Unidos, e do Eximbank americano. Hoje, ele tem audiências com o secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, e o presidente do Banco Mundial, Lewis Preston. Amanhã, o ministro se reunirá pela primeira vez com o novo presidente do Comitê Assessor dos Bancos Credores, Mike De Grassenried, funcionário do Citibank.

Em entrevista no final da manhã de ontem, na embaixada brasileira, Marcílio não se alterou quando um jornalista quis saber sua opinião a respeito das “previsões sombrias” sobre os efeitos sociais da recessão. “A inflação tem sido tradicionalmente no Brasil o maior e o mais perverso inimigo do povo, sobretudo da classe trabalhadora. E o que se quer combater é exatamente a miséria, a fome e a pobreza, através de um programa que permita, tão logo seja possível, a retomada de nossa capacidade de investir, da nossa capacidade de servir à população, da nossa capacidade de voltar a crescer”, respondeu Marcílio.

Ele enumerou fatores que atenuariam o impacto da recessão: “Continua o movimento de liberação dos cruzados, haverá o décimo-terceiro salário neste Natal, haverá um abono para todos os trabalhadores, uma diminuição na alíquota do Imposto de Renda, tem havido vários ajustes salariais, inclusive para vários servidores”.

O ministro da Economia ressaltou que, “se, por um lado, existe uma política monetária apertada, há, por outro lado, uma irrigação por várias formas, inclusive através do setor agrícola, que por sua vez irriga a economia como um todo”. Ele também fez uma veemente defesa do plano de ajuste combinado com o FMI. “O programa é realista, não depende de mágica, não depende de fatores externos, mas só depende, sobretudo, do trabalho e da determinação, para encontrar a estabilização o mais rápido possível”.

Com base em contatos por telefone que fez com os líderes do governo e outros parlamentares nos últimos dias, Marcílio descarta a possibilidade de que as alterações que serão feitas pelo Congresso na reforma fiscal diminuam o aumento da arrecadação fiscal previsto na carta de intenções entregue ao FMI. Ao contrário, ele acredita que haverá um crescimento ainda maior na arrecadação em decorrência das mudanças cogitadas pelo Congresso, como o adiamento para 1993 ou 1994 da entrada em vigor da diminuição de diversos impostos planejadas pelo governo para 1992 e a aprovação do imposto sobre cheques. Marcílio também não vê dificuldades na aprovação da carta de intenções pelo board do FMI, que deverá se reunir para analisar o documento na segunda semana de janeiro. Segundo ele, o próprio diretor-gerente Michel Camdessus está participando do “trabalho de informação” sobre o acordo junto aos governos dos países credores.

Camdessus é o primeiro orador do painel que abrirá hoje o seminário promovido pelo BID, reunindo as principais autoridades econômicas dos Estados Unidos e da América Latina e cerca de 300 empresários do continente. *Um clima mais favorável para os investimentos na América Latina e no Caribe* é o tema do primeiro painel, que também terá como oradores o subsecretário de Assuntos Internacionais do Departamento do Tesouro americano, David Malford, e o presidente do Banco Mundial, Lewis Preston. O ministro Marcílio Moreira falará no seminário seguinte, sobre *Reformas políticas para favorecer o clima de investimentos*.